

O PANORAMA.

JORNAL LITTERARIO E INSTRUCTIVO

DA

Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis.

41) PUBLICADO TODOS OS SABBADOS. (FEVEREIRO 10, 1838)



ALVARO VAZ D'ALMADA.

QUADROS DE HISTORIA PORTUGUEZA.

V

Regencia do infante D. Pedro. Batalha d'Alfarroubeira.

1439 a 1449.

O REINADO do virtuoso D. Duarte tinha acabado com a morte prematura deste principe, depois de tantas calamidades que no seu tempo affligiram Portugal. Ficava seu successor, elrei D. Affonso 5.^o, de idade de seis annos, e o governo do reino nas mãos da rainha D. Leonor. Sentia o povo que a regencia cabia, melhor do que a ninguem, ao infante D. Pedro, duque de Coimbra e tio do moço rei, que pela sua muita experiencia e saber regeria dignamente os negocios publicos. Os infantes D. João e D. Henrique, irmãos tambem de D. Duarte, não pareciam ambicionar a suprema auctoridade: o infante D. Fernando estava captivo em poder dos mouros, e delle não tinha a rainha que recear. Ella, portanto, julgou que sendo o duque de Coimbra estimado do povo, e não havendo que temer dos outros cunhados, devia associa-lo ao imperio, o que fez, ficando ella com a educação delrei e com a administração da fazenda, e cedendo ao infante o regimento da justiça com o titu-

VOL. II.

lo de defensor do reino: além disso prometteu a rainha casar o moço D. Affonso com D. Isabel, filha do sobredito infante, segundo estava determinado no testamento do rei defuncto.

Tinham-se reunido côrtes em Torres-Novas; mas nada se provia nos negocios publicos. O conde de Barcellos, filho bastardo de D. João 1.^o, trabalhava para que D. Affonso casasse com uma filha do infante D. João, meio-irmão e genro do conde. Daqui nasceram intrigas contra o defensor do reino, que terminaram por inquietações populares. A nação estimava altamente D. Pedro, e a rainha cada vez lhe coarctava mais a auctoridade: tirou-lhe o regimento da justiça para o dar ao conde de Arraiolos, filho do de Barcellos, e a administração das cousas publicas cada vez ia a peor. O povo de Lisboa foi vexado com fintas particulares, e foi em Lisboa que começaram os alvoroços.

O mais notavel é que procedendo a desordem de querer o conde de Barcellos que elrei cazasse com a filha do infante D. João, este se declarou partidario do irmão contra o sogro. Depois de muitas intrigas, o povo da capital terminou a questão, proclamando regente do reino o infante D. Pedro. O alcaide-mór de Lisboa procurou sustentar, no castello, a auctori-

dade da rainha; mas teve de se entregar ao infante D. João. A rainha retirou-se para Alemquer onde se fez forte; mas as côrtes brevemente confirmaram a mudança de regencia.

Nestas côrtes requereu um dos procuradores pela cidade do Porto que a educação delrei e de seu irmão, o infante D. Fernando, fosse confiada ao novo regente, e os principes tirados do poder materno. Muitos se opposeram a tal procedimento, e até D. Pedro recusava; mas venceu por fim a má vontade com que o povo olhava para a viuva de D. Duarte.

Depois disto seguiu-se a regencia do infante, que foi inquietado pelos enredos de D. Leonor, até que ella morreu em Toledo. Apesar das commoções dos diversos bandos que laceravam o reino, o regente governou com prudencia, trabalhando em proveito commum, e fazendo todo o bem, ainda aos seus mesmos inimigos. A historia desta epocha é um tecido de pequenas intrigas e crimes, que trouxeram um grande e melancolico resultado, a batalha de Alfarroubeira e a morte do virtuoso D. Pedro.

Chegado elrei á idade de quatorze annos, seu tio lhe quiz entregar a suprema auctoridade, que o moço principe, ainda não corrompido por perfidos conselheiros, não quiz accitar. Não cessavam, porém, os enredos do conde de Barcellos já elevado á dignidade de duque de Bragança por aquelle mesmo contra quem conspirava; nesta conspiração entrava tambem o conde d'Ourem filho do duque, o arcebispo de Lisboa, e muitos outros que tinham sido partidarios da regencia de D. Leonor. Tanto trabalharam que elrei pediu por fim ao infante lhe largasse o governo, o que elle promptamente fez, rogando unicamente a D. Affonso cazasse com sua filha, segundo o que sobre isto estava ordenado. Com effeito o casamento se concluiu dahi a pouco, naquelle mesmo anno em que elrei tomou as redeas do governo, que foi em 1448.

Reduzido o duque de Coimbra á condição de um simples particular, começaram os seus inimigos a fazer-lhe todo o genero de insultos, e a torcerem contra elle o animo de D. Affonso, até o induzirem a manda-lo sair da côrte, ao que D. Pedro atalhou com retirar-se antes que lh'o ordenassem. Então o duque de Bragança, e os outros que lhe tinham votado mortal odio, poderam, a seu salvo, levar ávante os projectos de vingança, que contra elle tinham concebido.

Para desfazer as calumnias que alevantavam ao duque de Coimbra, veio á côrte o infante D. Henrique, que já então residia no Algarve; mas com tal frouxidão se houve neste negocio, que os cortesãos em vez de se recearem, continuaram com mais vigor nas suas damnadas tenções, não duvidando affirmar, que D. Pedro havia envenenado elrei D. Duarte, a rainha D. Leonor, e o infante D. João, tudo por cubiça de mando; que pretendia desenthronisar o sobrinho; emfim publicando as accusações mais absurdas, e os aleives mais incriveis, que achavam facil entrada no espirito delrei, mancebo e inexperiente.

Chegára por este tempo a Lisboa, vindo de Ceuta, o conde de Avranches, D. Alvaro Vaz d'Almada. Era este um dos cavalleiros de D. João 1.^o, e o melhor que então havia em Hespanha. Tinha servido ao rei de Inglaterra, ao de França, e ao imperador de Allemanha. Diz-se que elle era um dos doze que foram a Inglaterra pelejar em desaggravo das damas inglezas, facto assaz duvidoso, que se lê em nossas historias. O que é certo é que elrei de Inglaterra o tinha condecorado com a ordem da Liga ou Garrota, e que o de França lhe dera o condado de Avranches em recompensa dos seus estremados feitos d'armas. Quando o povo de Lisboa se declarou pela re-

gencia do duque de Coimbra, elegeu por seu alferes o valoroso D. Alvaro, amigo intimo do duque, e que o foi até morrer.

Era o conde de Avranches inimigo capital do conde de Ourem que então muito privava com elrei. Isto, e a muita liberdade com que elle defendia o infante, fez com que, apesar dos seus serviços e reputação, fosse mal recebido dos cortesãos, que instavam com elrei para que o mandasse sair do reino. Não se resolveu a isso o moço principe, porque o seu caracter bellicoso o inclinava aos bons cavalleiros. Usaram então os fidalgos de um ardil: avisaram, por interpostas pessoas, o conde, que se retirasse da côrte, porque elrei o queria prender. A isto replicou o esforçado D. Alvaro: "*Os meus amigos poder-me-hão visitar n'uma sepultura, nunca em uma prisão.*" Armado se apresentou no conselho delrei, e em sua presença, depois de desfazer as calumnias que levantavam ao duque de Coimbra, desafiou os seus accusadores, nenhum dos quaes se atreveu a responder-lhe. Vendo os cortesãos quanto de recear era o conde de Avranches, e que os seus ardis eram inuteis, fizeram com que elrei se retirasse para Cintra, onde não lhe podessem mover o animo, a favor do sogro e tio, os discursos de D. Alvaro.

Foi de Cintra que elrei começou, em fim, a perseguir abertamente o infante D. Pedro. Prohibiu-lhe que voltasse á côrte, e depois de lhe fazer toda a casta de affrontas e violencias, lhe ordenou entregasse todas as armas que tinha em Coimbra, para onde fora residir quando saíra de Lisboa. Foi esta a ultima traça de que se lembraram os inimigos do regente para o perderem; porque se entregava as armas ficava á mercê delles; se recusava entrega-las, desobedecia a elrei, e elles tiravam dahi novo argumento para o accusarem de nutrir intenções sinistras.

O infante respondeu, que visto serem baldadas todas as justificações que os seus amigos delle davam, não quizesse elrei tirar-lhe todos os meios de se defender de seus contrarios, e que se carecia de armas elle lh'as mandaria vir de fóra, estando tambem prompto a pagar-lhe o valor daquellas que em seu poder retinha.

O duque de Bragança, seguro do patrocínio delrei, resolveu-se então a affrontar mais vivamente o infante, a quem já vilmente tinha abandonado seu irmão D. Henrique, tão celebre depois pelos descobrimentos que mandou fazer. Preparou-se, pois, para passar com mão armada pelos senhorios de D. Pedro, que, por conselho do conde de Avranches determinou oppor-se-lhe. Querendo porém experimentar primeiramente os meios de conciliação, escreveu ao duque de Bragança pedindo-lhe não quizesse quebrar a paz publica, fazendo-lhe uma affronta, que elle não podia soffrer sem quebra de sua honra. Foi tudo inutil, e portanto o duque de Coimbra partiu com um pequeno exercito a espera-lo. Chegando á vista os dois campos, o duque de Bragança perdeu o animo, e não se atrevendo a acommetter o infante, fugiu de noite com pouco sequito, e a gente que com elle vinha se derramou por varias partes. D. Pedro voltou então a Coimbra.

A vergonha que soffrera moveu ainda mais a sanha do duque de Bragança. Persuadiu a elrei que o seu opprobrio recaía sobre elle; e tanto fez, que D. Affonso declarou seu tio rebelde, e começou a fazer preparativos para acabar com elle.

Em Coimbra recebeu o infante esta triste nova por uma carta da rainha sua filha, em que o avisava que em conselho se decidira que o fossem cercar, e que tomando-o, ou lhe dessem a morte, ou prisão perpetua, ou o desterrassem para fóra do reino. Aconse-

lhou-se D. Pedro com os seus sobre tal caso: houve diversos pareceres; mas o do conde de Avranches foi que o infante viesse, acompanhado dos seus, esperar elrei ao caminho de Santarem, e que lhe pedisse justiça contra os que o calumniavam, ou lhes desse campo com elles para decidirem por via de desafio esta questão, e emfim que se elrei não accedesse a tão justo pedido, morressem todos pelejando como esforçados. Foi este o conselho que D. Pedro seguiu.

Antes, porém, de partirem, o infante e o conde d'Avranches, modelos da verdadeira amisade, se ajuramentaram para não sobreviverem um ao outro, fosse qual fosse o resultado da sua triste situação. Aconselhado de sua filha, D. Pedro duas vezes escreveu a elrei pedindo-lhe perdão de crimes que não commettera; mas tudo foi baldado: a ultima ruina do infante estava decretada pelos seus inimigos.

O duque partiu emfim de Coimbra, mandando adiante seu filho D. Jaime com o grosso da gente que tinha, e elle aballou no outro dia, levando consigo cinco mil soldados de pé e mil cavalleiros. As bandeiras que traziam tinham de um lado escripto — *lealdade* — e do outro — *justiça, vingança*. — Ao chegar a Rio-Maior, resolveu-se o infante a não ir a Santarem, onde elrei o esperava com trinta mil homens, mas a ameaçar Lisboa, procurando vingar-se de seus inimigos, sem se encontrar com o sobrinho, e dahi voltar a Coimbra por Torres-Vedras e Obidos. Esta resolução mais appressou o desfeixo daquella lastimosa tragedia. Em Alcoentre os ginetes e corredores do exercito real vieram escaramuçar com os do infante, e elle proprio os ouvia chamarem-lhe traidor e hypocrita. O conde de Avranches saiu a elles com quasi toda a gente do arraial, e fazendo-os fugir tomou alguns prisioneiros. Irado o infante com as injurias que lhe tinham dicto, mandou enforcar uns e degolar outros, e o conde perseguiu o resto até Pontivel.

Este aeto do duque de Coimbra mais accendeu contra elle o animo d'elrei, que immediatamente marchou a encontra-lo com o grosso do exercito. Na Castanheira soube o infante desta vinda do sobrinho; e deu então mostras de vir sobre Lisboa; mas chegando próximo a Alverca, mudou de parecer, e assentou arraial juncto ao ribeiro da Alfarroubeira, em sitio assaz defensavel. Alli o encontrou elrei, e logo o cercou por todos os lados. Saiu o conde de Avranches a reconhecer a força dos adversarios, e voltou a dizer ao infante que nenhum meio de salvação havia. Mandou então elrei por seus arautos apregoar á roda do arraial de D. Pedro, que, sob pena de serem havidos em conta de traidores, todos os que seguiam o duque de Coimbra o abandonassem; mas além de não produzir effeito algum esta intimação, muitos dos que vinham no exercito real começaram a fugir para o do infante. Em quanto estas cousas se passavam, e talvez fosse possivel suspender o encontro decisivo dos dois bandos, um acontecimento fortuito veio pôr termo a esta duvidosa e terrivel questão.

O ribeiro de Alfarroubeira era sombreado nas margens por um denso arvoredado. Alguns besteiros d'elrei abrigados pelas arvores começaram a atirar á gente do infante que estava do outro lado: varias pessoas foram feridas e mortas: os espingardeiros do exercito real collocados no cimo de um cabeço tambem principiaram a fazer fogo contra os do infante. Vendo este os seus maltractados; mandou disparar algumas bombardas contra os espingardeiros: uma balla foi cair então juncto da tenda d'elrei. Isto accendeu por tal modo os animos dos soldados, que sem mandado, nem ordem de pejeja, deram no arraial do infante, rompendo-o por muitas partes. Travada a briga, por

mais que pedissem a D. Pedro que se retirasse em quanto era tempo, elle o não quiz fazer, e mettendo-se mal armado por entre os contrarios, não tardou a ser atravessado, pelo coração, com uma setta, do que immediatamente acabou.

Um pagem foi, lavado em lagrymas, dar esta noticia fatal ao conde de Avranches, que andava por outra parte defendendo sua estancia. D. Alvaro, com rosto seguro, disse ao pagem que se callasse, e retirando-se á sua tenda comeu e bebeu para cobrar alento, e saíndo depois a pé pelo arraial, armado de todas as armas, foi logo conhecido pelos d'elrei já senhores da victoria. Parecia então que todo aquelle exercito se convertia contra um só homem. Como um rochedo no meio do oceano, D. Alvaro no meio daquellas ondas de soldados, fazia cair a seus pés quantos a elle se aproximavam. Cercado de cadaveres, com a espada e as armas alagadas de sangue, cansado de vencer, caiu no chão, e fallando com seu corpo disse: *Já vejo que não podes mais; e tu minha alma já tardas*. Todos se chegavam para o ferir, sem que a D. Alvaro se ouvissem outras palavras, senão estas: *Partar, rapazes!* Brevemente expirou á força de muitos golpes, e um fidalgo que fôra seu amigo, lhe cortou a cabeça, e a foi apresentar a elrei. Assim acabaram n'um dia, o homem mais sabio e virtuoso das Hespanhas, e o mais esforçado cavalleiro que naquelles tempos havia.



D. PEDRO DUQUE DE COIMBRA.

LOBOS DA BOHEMIA.

1.º

A viagem nocturna.

INVOLTOS em pelles para nos resguardar do frio, eu, minha irmaã, uma creada, e o velho conductor Rosko, nos mettemos no trèno [*] que puxavam dois valentes cavallo. Tinha-mos que atravessar um bos-

(*) Trèno (traineau) é uma especie de carro ou sege sem rodas, que serve para viajar de inverno, nos paizes do norte, então cubertos de neve, e que por cima della se arrasta com grande velocidade.

que cerrado, e extensissimo, que corre pela fronteira da Lithuania; mas naquella dia não caíra neve, e fazia luar: tendo pressa de chegar ao logar do nosso destino, não receámos, portanto, de atravessar a floresta. A estrada, que era bastante larga, dava aberta ao luar para nos allumiar; comtudo a grande quantidade de monticulos de neve, e de gelo, tornaram o caminho mal gradado, com o que os cavallos se cansavam, e nós não podiamos ir tão depressa como queriamos.

Era já perto de meia-noite, e nenhuma cousa extraordinaria tinha até ahí acontecido, mas os cavallos começaram a mostrar certa inquietação: respiravam com difficuldade e entraram a andar mais depressa, sem que ninguem a isso os incitasse; pareciam assustados; de quando em quando voltavam para traz as cabeças, e, como impellidos por uma potencia desconhecida, cada vez aligeiravam mais o passo.

A corrida augmentava, e o conductor se viu obrigado a aquietar-los com o latego; mas isto a grande custo.

De repente Rosko estremeceu; olhou repetidas vezes para traz; applicou o ouvido, e immediatamente largou as redeas aos cavallos, que partiram a todo o galope.

Que é isso? — lhe perguntei eu em voz baixa, para que minha irmã não ouvisse.

O velho, depois de pensar um pouco, me disse, tambem em voz baixa; creio que temos os lobos em cóla de nós: o frio os fez sair da espessura: a fome faz com que nos sigam; e se a rapidez dos cavallos nos não poem em cobro, estamos perdidos.

O sangue se me gelou nas veias ouvindo isto, apesar de ter encarado a morte em varias batalhas, e no ataque de muitas baterias; mas não podia soffrer o pensamento de morrer despedaçado pelos lobos, e ver succeder o mesmo a minha irmã, sem a poder salvar. Eu ía assentado na dianteira do trenó; tinha comigo uma faca de mato, uma espingarda, e duas pistollas; mas a polvora e balla que levava era pouca, e apenas serviria para dar cabo de alguns dos nossos perseguidores, cujo costume é andarem aos centos nas suas correrias nocturnas.

Entretanto, Rosko incitava os cavallos sem descanço; mas não havia necessidade disso, porque o instincto tinha feito com que elles conhecessem o perigo primeiro que nós.

Eu não cessava de olhar para traz até onde podia, e de escutar em silencio a menor bulha que nos podesse dar a certeza da horrivel situação em que nos achavamos. Rosko via e ouvia melhor do que eu, e de repente me diz. Ei-los ahí! ei-los ahí! — Não lhes ouve o tropear e os uivos? Aquelle monte negro que vem vindo lá ao longe, é uma alcatéa de mais de cem lobos.

Vi com effeito. Um turbilhão enorme e negro, que se movia de singular maneira, se approximava cada vez mais: parecia que voava por cima da neve; não se podia dizer como; o que é certo, é que se approximava por tal modo, que breve alcançaria os cavallos, que já começavam a fraquejar.

O silencio da noite foi, enfim, distinctamente quebrado por uivos descompassados e tremendos, que, ora pareciam grunhidos, ora os gemidos cansados e doridos de um homem afflicto, a quem querem tapar a boca.

Já se começavam a distinguir troços de lobos, afastados da principal alcatéa; já muitos estavam a tiro de espingarda do trenó. Metti a arma á cara, e aponte para que vinha na frente. Abaixa-te! — disse a minha irmã, que olhou para mim espantada; mas que bem me viu no modo, que não era occasião de es-

tar com perguntas. Abaixou machinalmente a cabeça; e o tiro deu no lobo maior da dianteira: a fera caíu. O estouro tinha acordado a creada, que se poz a gritar, cuidando que eram ladrões. “Nada! — são lobos” — disse o velho Rosko com uma horrivel tranquillidade. “Estão agora comendo o que morreu. Deste já nós estamos livres; porém o resto, que é mais de um cento, serão nossos companheiros de viagem até que . . . Não proseguiu; porque não queria que as mulheres percebessem o horror da nossa situação,

Animados pelo tiro, os cavallos despediram maior carreira, e os lobos pararam ao redor do cadaver. “Não se demorarão muito, disse Rosko, a practica me ensina que breve os teremos em nosso alcance.”

Carreguei novamente a espingarda; e os cavallos cada vez corriam mais. A poucos passos sentimos outra vez os lobos, e enxergamos alguns que saíam da alcatéa e se approximavam de nós com descompassados uivos.

Segunde o tiro e caíu outro dos mais damnados: assim eri ganhar tempo; mas os da alcatéa devoraram n’um instante o camarada morto, e apenas eu tinha tornado a carregar a espingarda já estavam de volta comnosco.

Os cavallos começavam a fraquejar: de quando em quando ajoelhavam, e custava-lhes muito a erguerem-se. Ainda pude matar alguns lobos; mas, por fim, nem isto lhes reprimia a audacia. Já vinham quasi rentes com o trenó. Era um tropel innumeravel, a polvora tinha-se-me quasi acabado, e o que me restava para a defensão eram duas pistolas, uma faca de mato, e a cronha da espingarda. Rosko considerando nisto, me disse. “Resta-nos uma esperança. Por estas paragens lembra-me ver quando viemos uma cabana de caçadores abandonada; se lá chegar-mos estamos salvos por algum tempo, aliás, cairemos nas garras dos lobos: neste caso, meu desgraçado amo, como tem as pistolas ainda carregadas cumpre que dê promptamente a morte a sua irmã, se, além das proprias afflicções, não quer ver as della, rasgada pelos dentes dos lobos.” — Dizendo estas palavras as lagrymas lhe rentavam dos olhos.

Palavras não eram dictas, eis que vemos os monstros raivosos emparelhados comnosco. Fiquei desvairado, peguei com a mão esquerda n’uma pistola, e já considerava de que modo daria prompta morte a minha irmã: o lume me fugia dos olhos.

Então um lobo se chegou ao trenó, e dando um pulo desmedido, quiz saltar dentro: eu tinha na mão a faca de mato; attravessei-o com ella, e a fera caíu para a banda, rugindo.

“Muito bem, gritou Rosko, tomando animo; — poupe a polvora, e sirva-se da faca e da cronha da espingarda. Lá diviso a cabana! Poucos instantes nos bastam para nos pormos em cobro.”

Dicto isto açoutou os cavallos desapiedadamente; e eu puz-me á frente do trenó com a espingarda, de coronha alçada.

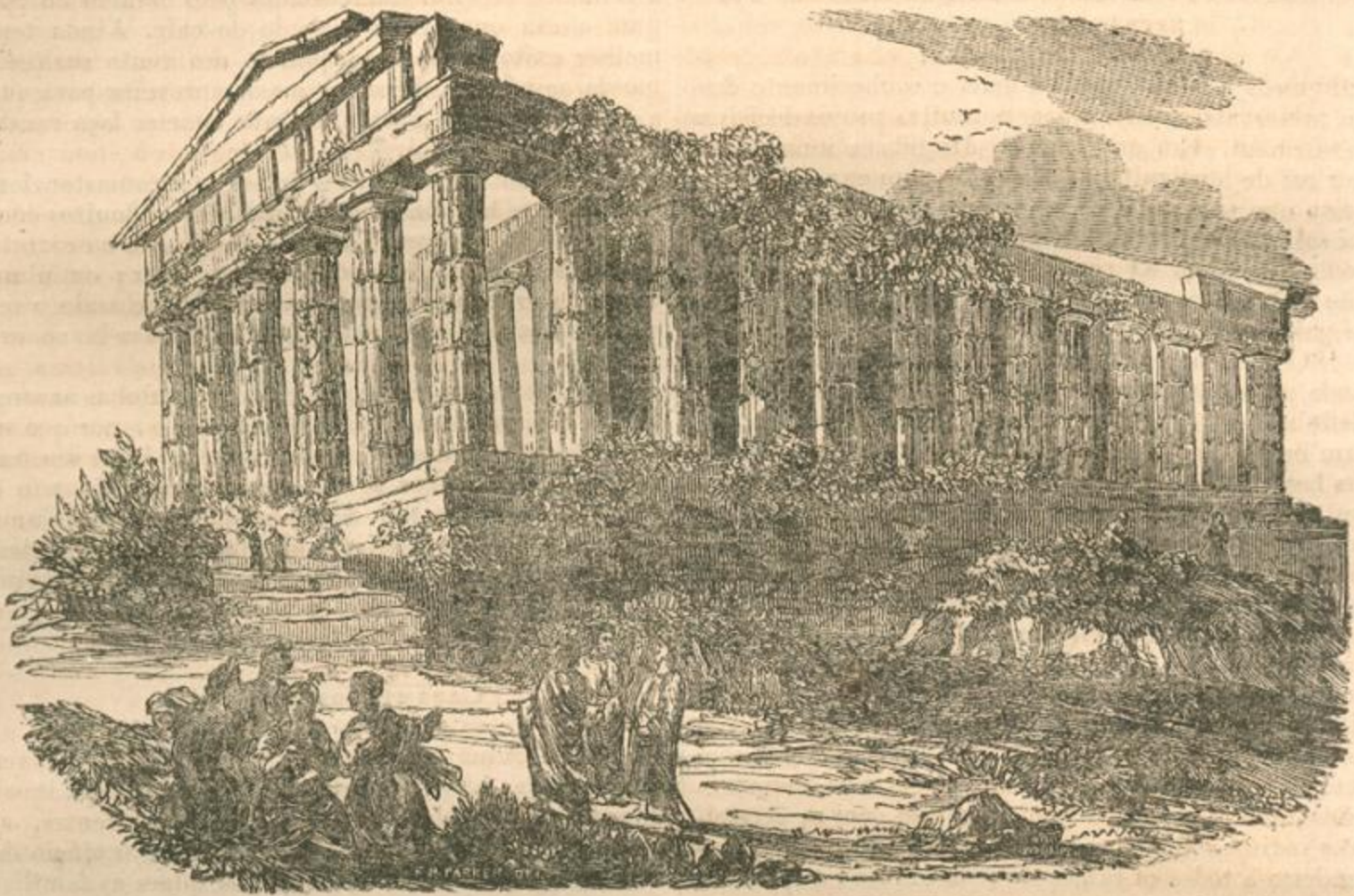
Ou porque os cavallos corressem muito, ou porque os lobos tivessem medo de mim, o certo é que nos ficaram um pedaço para traz. Dentro em pouco chegámos á cabana, cuja porta estava aberta. Rosko deu um grito de alegria, e saltando do trenó abaixo. Estamos salvos! clamou. — Vamos, depressa! — Minha irmã desceu immediatamente, Rosko pegou em braços na creada, que estava desmaiada, e eu fui atraz. Então o velho creado me arrebatou das mãos a espingarda, e tornou immediatamente a sair. Olhei para fóra, e já os lobos vinham quasi ao pé. Chamei Rosko; mas já elle tinha concluido o seu intento. Dando duas chicotadas nos cavallos, fe-los partir a todo o galope, e voltou no mesmo instante para a cabana, onde já

fam a entrar dois lobos. Deitou-os a terra com duas cronhadas, metteu-se dentro, e trancou a grossa porta de carvalho que fechava a cabana. Eu agradecia a Deus o ter-nos salvo milagrosamente de tão grande perigo: mas destas reflexões pias, me fez sair o ruído que as feras faziam para arrombar a porta. O caso ainda não ficava aqui.

ENGENHO MARAVILHOSO.

ANTONIO Pessoa Campo foi um engenheiro celebre do tempo de D. João 4.^o Tinha-se por impossivel naquella epocha fazer um reparo que podesse resistir ao aballo produzido pelo tiro da peça de Diu, que em con-

sequencia disso estava desmontada. Antonio Pessoa inventou então uma carreta que sustentava o tiro daquella desmesurada colubrina, sem se desconjunctar. De todas as obras deste engenheiro a mais celebre foi um cavallo de madeira, que elle offereceu, em 1642, ao principe D. Theodosio. Era feito com tal artificio que não só enganava a vista pela semelhança com um cavallo vivo, mas tambem pelos movimentos. Segundo o testemunho de um escriptor coevo, aquella machina rinchava, fitava as orelhas, obedecia ao freio, escarvava o chão, manejava as mãos, empinava-se, dava couces, fazia chaças e corcovos, saltava, andava a passo, a trote ou a galope, voltava a um ou a outro lado; emfim fazia tudo quanto poderia fazer um ginete bem ensinado.



TEMPLO DA CONCORDIA NA SICILIA.

TEMPLOS GREGOS.

O GRANDE templo em Girgenti, [1] na Sicilia, dedicado a Jupiter Olympio, suppõe-se ter sido construido por Timoleon, quasi 337 annos antes da era christã, de fôrma, que permanece, ainda que arruinado, ha muito mais de vinte seculos. Timoleon o erigiu como tropheu de suas conquistas, que os historiadores gregos celebraram. Em Girgenti ha mais outros dois templos vastos, de que igualmente subsistem restos, o de Juno Lucina, e o da Concordia. Este ultimo é o ponto mais saliente de Girgenti porque se avista distinctamente de todos os lados. Porém de todos estes edificios da antiga Agrigentum, o de Jupiter é o mais notavel, por sua estupenda grandeza. Contava lateralmente quarenta meias-columnas, das quaes ainda existem sete perfeitas em cada topo: as estrias do fuste destas columnas admittem um homem em pé.

(1) Girgenti está situada no valle de Mazzara, sobre a costa occidental da Sicilia fronteira a Tunes. Foi fundada por uma colonia grega, seis seculos antes de Christo, e denominada *Acragas*; os romanos lhe chamaram *Agrigentum*; e foi a segunda cidade da Sicilia depois de Syracusa. Presentemente está muito diminuta; e contam-lhe os geographos umas 15.000 almas.

No seu plano e construcção os templos gregos variavam muito pouco, quer fossem grandes, quer pequenos. A *cella* correspondente á nave em as nossas cathedraes, era ás vezes descuberta, quando muito espaçosa, ou, quando pequena, muito triste e escura, allumiadas apenas as estatuas, segundo convinha á emissão dos embusteiros oraculos, no que os Sicilia-nos eram eminentes. — Tem sido opinião recebida, mas não authenticada, que todos os templos gregos eram consideravelmente pequenos em comparação das grandes cathedraes do christianismo; e a maioria delles de certo o eram. Mas se considerarmos que os nossos edificios sagrados do estylo gothico consistem em muitas partes distinctas debaixo d'um tecto commum, e se as medirmos separadamente, acharemos que a *cella* do templo de Girgenti, que dissemos, excede a qualquer nave de igreja actualmente existente na Europa, exceptuando apenas S. Pedro em Roma e S. Paulo de Londres [2].

(2) Do templo de S. Paulo demos noticia, e uma vista em o n.º 26 do Panorama.

A PAZ.

A PAZ é o principal bem de um povo commerciante, e ainda de qualquer povo. As nações da Europa, com todos os seus progressos de civilisação, estão por ora mui visinhas do estado selvagem, terminando as suas contestações por via das armas. Nada póde justificar a guerra senão a propria defensão. Se todos aquelles, que a mandam fazer, quando se não tracta da defeza commum, fossem obrigados a entrarem nos combates, é provavel que as disputas entre as nações se accommodassem com a intervenção das nações neutras, e que as espadas se convertessem em arados. A mais importante obrigação do ministro compassivo, deve ser o evitar, por todos os modos, a guerra.

PROCESSO PARA RESGUARDAR OS POMARES DOS ESTRAGOS DOS INSECTOS.

DEVEMOS a Mr. Samuel Curtis o conhecimento deste preservativo, cuja efficacia muitas provas decisivas confirmam. Em uma carta, dirigida a uma pessoa curiosa de horticultura, descreveu com exacção o processo que seguira e os seus resultados, e esta pessoa foi sollicita em communicar ao publico estes preciosos conhecimentos. O seguinte extracto da dicta carta não deixará de ser proveitoso aos jardineiros de todos os paizes.

“O meu pomar, em que emprego todo o desvelo, onde plantára muitos milhares d'árvores fructíferas, definhava-se de alguns annos para cá. As folhas que iam brotando em cada primavera eram devoradas pelas lagartas, e no meio do estio os ramos e os troncos apresentavam o espectáculo do inverno; nem flores, nem fructos produziam as arvores, e era necessario um remedio prompto, e que para ser applicado onde conviesse, não exigisse precauções de que só são capazes homens d'intelligencia cultivada, o que tornaria impossivel administra-lo a tão grande numero de enfermos igualmente dignos de soccorros. Eu já tinha reconhecido a inefficacia das aspersões de agua de cal, segundo a practica por mim seguida; porém confesso que talvez fossem mal dirigidos os meus ensaios; que as aspersões se não fizeram com as precauções indispensaveis para que a acção do liquido se estendesse a todos os ramos de cada arvore; e que ninguém se certificou se a agua das aspersões estava saturada de cal.

“Mas temendo que o que não me foi util, por mais cautelas que empreguei para obter melhor resultado, fosse tentado tambem sem fructo algum por outros horticultores, apresso-me a revelar o meio a que devo a salvação das arvores e a salvação e prosperidade do meu pomar.

“Tinha quasi perdido a esperanza de conserva-las, quando me veio á idéa experimentar o effeito da cal viva em pó finissimo, espalhada por cima das arvores offendidas; imaginei uma especie de regador muito semelhante ao instrumento de jardinagem, que tem este nome, ou ainda mais a um areieiro de grandissima dimensão, com sua asa, para se lhe pegar, e trabalhar com elle sem empregar as mãos ambas. Dei-lhe palmo e meio de altura, e sete pollegadas de diametro: o disco cheio de buraquinhos não tem mais de quatro pollegadas. O vaso póde pois compor-se de duas partes uma cylindrica e outra conica, ou o que é melhor ainda, da figura conica truncada, que tivesse na base sete pollegadas de diametro, e no cimo quatro.

“A prova das aspersões pulverulentas feitas com este instrumento produziu um effeito que me fez re-

cobrar as esperanças. Aproveitei o momento em que as folhas começam a desenvolver-se para salpica-las de cal viva, com grande prejuizo das lagartas, que nunca mais lhes tocaram. Verieis então com tanto prazer quanto se costuma sentir no momento em que a victoria se decide, a fuga precipitada das lagartas, que ainda conservavam vigor, e os cadaveres amontoados das que haviam morrido. Em pouco tempo cobraram as minhas arvores o antigo viço, o que não obstou a que eu continuasse as aspersões de pó de cal. Finalmente tive a satisfação de as ver vestidas de lindo verdor, e de fazer uma colheita, que a mim proprio me deixou assombrado, por não estar affeito a tamanha liberalidade da natureza.

“Para que o pó de cal viva espalhado pelas arvores produza todo o effeito, é preciso aproveitar o momento em que os troncos, ramos e folhagem, se já a tiverem, estejam humedecidos pelo orvalho ou por uma chuva que tenha acabado de cair. Ainda tem melhor exito a operação quando um vento suavissimo dá ao pó uma direcção que se aproveita para que a aspersão chegue a toda a parte onde se faça necessaria a acção da cal.

“Quando são favoraveis todas as circumstancias, bastam tres trabalhadores para salpicar muitos centos de pés de arvores. Levam consigo n'uma carreta o armazem de cal em pó, e n'uma caixa ou n'um sacco a provisão necessaria para irem enchendo o regador: acabada esta provisão vão renova-la ao armazem.

“Fiz derramar a cal por cima das minhas arvores algum tempo antes de abrirem as folhas, por que os insectos destruidores começam desde então os seus estragos, que somente se conhecem quando já não é tempo de remedia-los. Serão ainda muito uteis uma ou duas aspersões depois de abertas as flores, e a despesa que isto exige paga-la-ha com usura a magnifica apparencia do pomar, e a colheita mais certa e abundante.

CASAMENTOS NA CHINA.

Como na China nunca as mulheres se deixam ver dos homens, não se decide o casamento de qualquer donzella senão pelas informações de seus parentes, ou de algumas velhas que costumam exercer o officio de medianeiras em taes negocios, e ás quaes as familias induzem com dadas a que façam uma pintura lisonjeira das graças, juizo, e prendas das noivas. As descripções que estas fazem pouca fé merecem todavia, e quando se conhece que mentiram desafortadamente, são castigadas com grande severidade.

No dia destinado para as nupcias, mette-se o noivo n'um carro puxado por um boi, e sáe ao encontro da noiva, acompanhado de musicos que vão tocando melodiosas composições. A comitiva é mui esplendida quando o noivo é mandarim, ou algum outro magnate d'alta jerarchia.

A' mesma hora entra a menina n'um palanquim, ataviada com pompa, e seguida do seu dote, que communmente consiste, entre a gente da plebe, em certa quantidade de alfaias que o pai lhe dá com as vestes nupciaes, que vão encerradas dentro de cofres, e entre os ricos, em vestidos sumptuosos e em joias. Um cortejo de homens assalariados a acompanha, levando fachos accesos, ainda que seja no pino do dia; pifaros, charamelas e tambores precedem o palanquim, e seguem-o os amigos e parentes da familia. Um domestico de confiança guarda a chave do palanquim, a qual não deve entregar senão ao marido, que espera a esposa em meio caminho da casa. Logo que se encontram recebe do domestico a chave, apres-

sa-se a abrir o palanquim, e avalia então a sua boa ou má fortuna. Alguns ha que, descontentes da sua sorte, fecham muito depressa o palanquim, e recambiam a donzella com toda a comitiva, preferindo a perda da somma que deram ao cumprimento do contracto; porém tomam-se precauções que fazem mui raros estes acontecimentos. Apeada a donzella, colloca-se o esposo ao seu lado, e entram ambos na sala da assembléa, onde fazem quatro cortesias ao *Tien*; ella sauda com outras quatro os parentes de seu marido, e depois é entregue ás damas convidadas para a boda, em cuja companhia passa o resto do dia em folguedos, em quanto o marido banquetêa os homens em quarto separado.

Navarrette faz menção de muitas causas de divorcio, que não seriam admittidas nos nossos tribunaes: 1.^o—mulher tagarella, que por este defeito se torna incommoda, está sujeita ao repudio, ainda que seja casada ha muito tempo, e tenha muitos filhos; 2.^o a mulher que falta á obediencia a seu sogro e sogra; 3.^o, a mulher que furta alguma cousa a seu marido; 4.^o a lepra é outro motivo de divorcio; 5.^o o ciúme.

Na noite do casamento conduzem a casada á alcova do marido, onde acha, sobre uma meza, tesouras, linhas, algodão, e outros aviamentos, com que se lhe dá a conhecer que deve amar o trabalho e fugir á ociosidade.

Depois deste dia nunca mais o sogro torna a ver o rosto de sua nora, e ainda que habite a mesma casa, jámais lhe entra na alcova, e se ella sae do seu aposento, occulta-se.

Os amigos e parentes da familia não teem a liberdade de fallar-lhe sem testemunhas: esta permissão só a obtem os primos quando são ainda de mui tenra idade; mas os que são mais crescidos jámais alcançam um favor de tal valia. Permittes-se ás mulheres o sair algumas vezes, no decurso do anno, a visitar os seus mais proximos parentes, e a isto se limitam os seus divertimentos e prazeres.

VICTORIA REGINA.

Nova maravilha vegetal.

NA Sessão da Sociedade Botanica de Londres, de 7 de Setembro ultimo, leu-se a seguinte communicação de Mr. Schomburgh, correspondente da R. Sociedade Geographica, datada de New Amsterdam, Berbice, em Maio 11 de 1837, e participando o descobrimento d'um novo genero vegetal contiguo ao dos Golphãos, ou Nymphœas, o qual por permissão especial de Sua Magestade Britannica se denominou — *Victoria Regina*. [Rainha Victoria]. A participação veio acompanhada de magnificos desenhos da planta, de metade da grandesa natural.

— “No 1.^o de Janeiro deste anno quando estávamos lidando por vencer as diversas difficuldades, que obstavam ao nosso progresso pelo rio Berbice acima [na Guyana ingleza] viemos a uma paragem onde este alargando-se formava uma serena caldeira. Um objecto avistado na extremidade meridional desta remanso, attraíu a minha attenção; era-me impossivel fazer idéa do que seria, e assim animando os barqueiros a forçarem os remos, em breve nos achámos frenteiros ao objecto que me excitára a curiosidade. Era um portento vegetal! Todos os antecedentes trabalhos me esqueceram, e como um apaixonado da Botanica me sentí remunerado.

“Uma folha gigante, de cinco a seis pés de diametro, da forma d'uma vasta bandeja, com uma bordadura de verde luzente por cima, e de vivo carme-

sim pela parte inferior, alastrava-se sobre as aguas. Inteiramente conforme a esta folha era a esplendida flor, que consistia de centenaes de petalas que passavam, por alternados cambiantes de cores, do branco de neve á cor de rosa, e vermelho. As aguas serenas estavam cobertas destes vegetaes, e nós vogámos d'uns para outros, cada vez com maior assombro. A folha é de forma orbicular, excepto para o centro na parte opposta ao pé, onde se encurva alguma cousa. O talo da flor tem uma pollegada de grosso juncto ao calice, e é como taxeadado de bicos elasticos de trez quartos de pollegada de comprido. O calice é quadripartido, e tem cada divisão 7 pollegadas de comprido, e trez de largo na base: estas divisões são grossas, brancas por dentro, e vermelho-escuro por fora. O diametro do calice é de 12 a 13 pollegadas; sobre elle se firma a magestosa flor, a qual, quando de todo desabrochada, cobre completamente o calice com centos de petalas. Quando começa a abrir é branca, com uma tinta vermelha no meio, a qual se vai espalhando por toda a flor á proporção da sua duração, e geralmente no dia seguinte está toda vermelha. Como para realçar sua belleza, é dotada d'um aroma agradável. Em tudo o mais semelha ás outras da sua tribu.

Nós as encontramos dalli por diante frequentemente, e tanto mais avultadas quanto mais nos adiantávamos. Chegámos a medir uma folha que tinha seis pés e cinco pollegadas de diametro, e a orla de que fallámos cinco e meia pollegadas. — Observámos que uma casta de escaravelho [especie de *Thricio*] damifica muito as flores destruindo-as pela parte de dentro: só n'uma contámos de vinte a trinta destes insectos.” —

A JOVEN ALDEANA.

TAL é o titulo de um livrinho nitido, e adornado com gravuras de madeira, impresso ultimamente no Porto. Por este titulo o ereriam muitos uma destas novellas de sentimentos exaggerados, de lanços inverosimicis ou impossiveis, de scenas ridiculas e immoraes, com que nos teem affogado ha um seculo os novelheiros francezes. Enganar-se-ia quem tal o julgasse. O livrinho que temos diante de nós é uma obra cheia de fragancias misticas: é a historia intima de uma creança predestinada. Poder-se-ia tomar como um complemento, pela materia, e pelo sabor, do celebre livro do ascetico Bunyan, que ha um seculo foñ trasladado em portuguez, com o titulo de *Predestinado Peregrino*. Este escripto será por ventura optimo para se dar ás creanças quando começam a lêr: ainda que para algumas destas tenras intelligencias seja talvez [pelo estylo] pouco claro. Entretanto muitas aproveitarão com elle: a pureza da moral religiosa que encerra: a saudade de Deus a que persuade; a innocencia que respira, são qualidades que nelle encontramos em grau eminente: por isso não podemos deixar de o recommendar.

A CONSCIENCIA TIMORATA.

N'UMA das gazetas portuguezas de 1642, em que se publicavam os successos da guerra que havia com os hespanhoes, por causa da independencia, encontra-se a seguinte anecdota.

Entre varios soldados hespanhoes, que vieram prisioneiros de um recontro em que os portuguezes levaram a melhor, achava-se um castelhano que, tendo trazido da sua terra umas poucas de patacas, como chegou á fronteira, e havendo de entrar em com-

bate no dia seguinte, foi ter com o cura do logar onde estava, e lh'as deu, dizendo-lhe, que as guardasse; que se elle escapasse lh'as restituiria, e que se morresse, ficasse o cura com ellas, dizendo-lhe vinte missas por alma. Derrotados os castelhanos no outro dia, o soldado, para não ser aprisionado, unctou-se com sangue, e deitou-se entre os mortos. Succedeu vir ao campo o cura, a quem dera as patacas, encarregado pelas auctoridades hespanholas de enterrar os mortos, que ahi jaziam. Tanto que se chegou ao soldado este lhe puxou pela capa, dizendo-lhe que estava vivo, e que se fingira morto para o não captivarem. Neste momento viu o cura os nossos que estavam perto, e immediatamente começou a clamar em altos gritos: "*Senhores portuguezes, aqui está um castelhano vivo entre estes mortos. Acudam v. m.^{es} e levem-no; porque não trago ordem de levar os vivos: não quero enganar ninguém; porque sou christão e temo a Deus.*" A estes gritos acudiram logo os nossos, e em consequencia dos escrúpulos do cura, o pobre soldado teve de vir ajunctar-se á leva dos prisioneiros.

NOVOS CHAS.

1.^o PONDO a ferver a porção d'agua, que levam cinco chavenas, com os grãos d'aveia limpa, que leva uma, e apurando até ficarem quatro chavenas de liquido, resulta uma bebida sadia e agradável.

2.^o Tome-se um bom punhado de cascas d'amendoas; pizem-se, fervam-se por meia hora em tres quartilhos d'agua; filtre-se o liquido, e sairá uma bebida saudavel e balsamica, com um gosto de baunilha mui agradável.

Mancira de conservar bem as rebecas. — Para se guardarem as rebecas sem que se estraguem, devem ser mettidas n'uma caixa forrada de flanella, ou de panno, afim de as preservar, assim dos excessivos calores como do rigor do inverno: sobre tudo é necessario evitar qualquer transição subita do frio para o calor; este, sendo forte, sécca, e faz estalar a madeira, e produz sons asperos e desharmoniosos. As rebecas todos os seis mezes se devem limpar por dentro, introduzindo-lhe pelas aberturas um punhado de grãos de cevada aquecidos ao lume, e sacudindo depois bem para todos os lados: a poeira se apega á cevada, e o instrumento fica perfeitamente limpo. As cordas conservam-se bem embrulhando-as de cima a baixo com um pedaço de tafetá embebido em oleo de amendoas; limpar-se-hão com um bocado de panno de linho antes de começar a tocar. Deste modo póde o curioso ou o fabricante conservar as suas rebecas em bom estado, e sem perderem as vozes.

Modo de pratear fitas de seda. — Faz-se o desenho com um pincel fino, ou penna nova, sobre a fita, ou pedaço de seda, servindo de tinta uma solução de nitrato de prata com pequena porção de goma para não ficar muito corrente: deixa-se enxugar alguns instantes, e põe-se depois a porção que tem os desenhos sobre uma vasilha onde se mette zinco, agua, e um pouco d'acido sulphurico. Passado algum tempo a prata fica adherente fortemente á seda, e os debuxos como se queriam.

Annos
de
J. C.

SEMANARIO HISTORICO.

Fevereiro 4

1145 — Toma D. Affonso Henriques aos mouros a ci-

dade de Leiria. Os habitantes são todos passados á espada. 5

1799 — Luiz Galvani, o descobridor do galvanismo, morre em Bolonha neste dia.

6

1529 — Lopo Vaz de Sampaio, governador da India, com uma armada de 51 embarcações destroça a do rei de Cambaia, composta de 30 velas, ficando em nosso poder 33, queimadas 40, e fugindo apenas sete.

1608 — Nasce em Lisboa o padre Antonio Vieira.

1609 — D. Jeronimo de Azevedo, governador em Ceilão, derrota o rei de Candea, toma e queima a sua capital, onde foram destruidos mais de 40 pagodes, alguns dos quaes eram nomeados pela sua sumptuosidade.

7

1536 — D. João Pereira, capitão de Góa, derrota no campo o exercito do Idalcão, que vinha commetter a cidade. 8

1291 — Nasce o infante D. Affonso, filho de D. Diniz, o qual succedeu a seu pae com o titulo de Affonso 4.^o

1587 — E' degollada Maria, rainha de Escocia, aos 45 annos de idade, por ordem de sua prima a rainha Isabel d'Inglaterra, depois de ter estado presa por espaço de 19 annos.

9

1531 — Toma Nuno da Cunha a ilha de Beth, feito de que fallámos a paginas 120 do primeiro volume.

1620 — Philippe Ribeiro, governador de Jafanapattão, desbarata os naturaes alevantados contra os portuguezes, os quaes trouxeram, voltando á sua fortaleza, mil cabeças de inimigos, espetadas nas pontas das lanças.

10

1275 — Morte de D. Paio Peres Corrêa, o celebre mestre de Santiago.

1569 — D. Paulo de Lima, e Martim Affonso de Mello accommettem e vencem os reis mouros de Cole e Sarceta, que infestavam as vizinhanças de Baçaim.

1755 — Fallece Montesquieu, auctor do affamado livro do *Espirito das Leis*.

1.^o

A Direcção da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis annuncia que vai proceder á recepção da 4.^a prestação, segundo o disposto no art. 10.^o de seus Estatutos, independente do cumprimento do art. 8.^o dos mesmos, em virtude da auctorisação concedida á mesma Direcção em Assembleia Geral dos S.^{res} Accionistas, de 4 de Novembro ultimo.

2.^o

Os S.^{res} Accionistas, que ainda não satisfizeram a 3.^a prestação, são convidados a faze-lo no praso de oito dias a datar da publicação deste annuncio; aliás ficarão sujeitos ás disposições dos artigos 11.^o e 13.^o dos Estatutos da Sociedade.

Escriptorio da Direcção da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis, Rua do Arsenal
N.^o 55 = 1.^o andar.

LISBOA — NA TYPOGRAPHIA DA SOCIEDADE.